

CONTRIBUTOS RECENTES PARA O CONHECIMENTO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO SUL DA BEIRA INTERIOR

JOÃO LUÍS CARDOSO

1 – Enquadramento geográfico e história das investigações

O sul da Beira Interior, na região do Tejo Internacional permanecia, até época recente, quase desconhecido no que respeitava à riqueza do seu património arqueológico megalítico. De facto, as explorações pioneiras efectuadas por Francisco Tavares de Proença Júnior na anta da Urgueira, Vila Velha de Ródão, bem como em outros monumentos megalíticos dos quais viria apenas a noticiar a existência (PROENÇA JÚNIOR, 1910), não tiveram o seguimento que mereciam. Félix Alves Pereira só pontualmente se interessou pelo assunto: devemos-lhe a exploração das Anta Grande de Medelim, que publicou em 1934 (PEREIRA, 1934). Georg e Vera Leisner, no inventário a que procederam das antas portuguesas (LEISNER & LEISNER, 1956), assinalam apenas três, e de forma imprecisa, a Oeste de Rosmaninhal e uma outra, perto da extinta povoação de Alares, panorama que não se alterou em publicação póstuma de Vera Leisner recentemente publicada (LEISNER, 1998).

Na segunda metade do século, apenas foram feitas, com efeito, as explorações de mais três monumentos, por O. da Veiga Ferreira e D. Fernando de Almeida, com destaque para a escavação da importante anta da Granja de S. Pedro, Idanha-a-Velha (ALMEIDA & FERREIRA, 1958, 1959, 1971).

Não obstante, era provável que existisse um grande número de monumentos dolménicos na região, ainda por identificar, em conformidade com as cerca de 90 antas inventariadas pelos Leisner na região vizinha de Proença-a-Nova (KALB, 1990). Com efeito, não havia razão para que tal situação deixasse de se verificar mais a oriente.

Os trabalhos sistemáticos de prospecção, conduzidos no terreno desde a década de 1970 até à actualidade, vieram confirmar plenamente tal pressuposto: numa área limitada naturalmente a Sul pelo Tejo Internacional, a Este pelo Erges e a Oeste pelo Aravil, reconheceram-se, até ao presente, cerca de noventa dólmenes, que permaneciam totalmente inéditos, dos quais cerca de sessenta e cinco na região do Rosmaninhal e vinte e cinco na região de Malpica do Tejo/Monforte da Beira, a larga maioria em bom estado de conservação. Tal facto ficou a dever-se, em parte, à baixa densidade populacional da região, bem como à utilização do solo. Com efeito, domina o montado de azinheiras, muitas vezes centenárias; a cerealicultura extensiva de trigo, que foi importante até inícios da década de 1960, mas ainda realizada por métodos tradicionais não mecanizados, explica, também, a boa conservação dos monumentos.

A fase de cartografia arqueológica sistemática da região – que ainda decorre, por rara ser a saída de campo de que não resulta a localização de novos monumentos – impunha-se ser continuada por escavações arqueológicas, perspectivadas a médio/longo prazo, que permitissem o cabal conhecimento dos sepulcros de maior relevância, a par de outras acções, que viabilizassem a caracterização da componente habitacional destas comunidades. Nesta comunicação far-se-á apenas referência à componente funerária – de momento a melhor conhecida; não será abordado o património megalítico não funerário, que integra diversos menires e cromeleques reconhecidos na região, nem a componente artística, representada por diversos painéis rupestres insculptados, muitas vezes existentes na proximidade dos monumentos megalíticos, os quais fazem evidentemente parte de uma realidade una e indivisível, que merecerá, no futuro, tratamento integrado, através de publicação monográfica em preparação.

Os trabalhos de prospecção arqueológica e de escavação têm sido desenvolvidos sob a égide da Associação de Estudos do Alto Tejo/Núcleo Regional de Investigação Arqueológica e têm contado com apoios logísticos e financeiros de diversas entidades: IPPAR, IPA, IPAMB, IPJ, C. M. Castelo Branco e C. M. Idanha-a-Nova. Um especial agradecimento é devido ao Eng. João Carlos Pires Caninas e ao Dr. Francisco Henriques, meus companheiros mais próximos nestas lides arqueológicas, sem os quais os resultados ora apresentados não teriam sido possíveis, extensível a uma vasta equipa de colaboradores e de estudantes universitários, entre eles alguns da Universidade Aberta, que têm activamente participado, desde 1993, nas diversas escavações arqueológicas que tenho dirigido, em condições que nunca foram fáceis nem cómodas.

2 - Aspectos geo-ambientais. Implantação dos monumentos

A área de distribuição da notável mancha megalítica que a pouco e pouco tem vindo a ser definida corresponde, do ponto de vista geológico, a um substrato constituído por afloramentos de xistos e de grauvaques de idade ante-Ordovícica, integrados na Formação do Rosmaninhal, de características turbidítico-conglomeráticas. Tais rochas encontram-se, por seu turno, recobertas por depósitos detriticos, essencialmente areno-arcósicos, grosseiros, de coloração mais ou menos avermelhada, consoante o grau de oxidação que apresentam, conservados no topo das plataformas retalhadas pela erosão; a sua idade foi fixada no Eocénico ou no Oligocénico (OLIVEIRA, 1992). Por último, observam-se, sobretudo nas encostas e zonas baixas adjacentes, depósitos de cobertura, constituídos por vastos mantos de cascalheiras de quartzo e de quartzito, resultantes do desmantelamento dos relevos paleozóicos, cuja idade se situa na transição do Pliocénico para o Quaternário: são as rañas, características de clima semi-árido, formadas por fortes descargas torrenciais, que, em tal época, atingiam periodicamente a região.

Os monumentos dólmenicos distribuem-se segundo dois padrões principais:

- Nuns casos, concentram-se no topo das plataformas que constituem os grandes eixos de compartimentação da paisagem, de onde se dominam vastas áreas, de dezenas de quilómetros em redor, constituindo verdadeiras necrópoles megalíticas. Alguns dos monumentos de duas dessas plataformas foram até ao presente explorados: trata-se da plataforma do Couto da Espanhola, com altitudes de cerca de 300 m e orientação geral de NE-SW, onde foram cartografados sete dólmenes, dos quais se exploraram dois; e a plataforma do Amieiro, com altitudes um pouco superiores, de 360-370 m e idêntica orientação, onde se reconheceram oito estruturas dólmenicas, das quais se exploraram três. Nalguns casos, a distância entre monumentos é inferior a 100 m, sendo estes intervisíveis, constituindo núcleos funerários dentro das necrópoles mais vastas que integram; mas, em geral, a distância é superior, da ordem dos 200 a 250 m, ainda que de um qualquer destes locais se possa reconhecer o que se encontra mais próximo;
- Noutros casos, ocorrem mais ou menos isoladamente na paisagem, confundindo-se aparentemente com ela - é exemplo o dólmen do Poço do Chibo, implantado em zona baixa, de peneplanície de relevo uniforme e monótono.

3 – Aspectos arquitectónicos mais relevantes; rituais funerários

Os resultados obtidos das escavações que, desde 1993, anualmente vêm sendo efectuadas na região megalítica do Rosmaninhal e no que respeita à componente funerária desse património, podem ser apresentados sumariamente através das seguintes observações, válidas para a globalidade dos seis monumentos até ao presente escavados, sobre os quais já se publicaram, ainda que parcialmente, algumas observações (CARDOSO, CANINAS & HENRIQUES, 1995, 1997 a, 1997 b, 2000):

- 1 – O espaço povoado seria pontuado, de forma muito evidente, por sepulturas megalíticas. Tal evidência era reforçada pelo revestimento das mamóas, sem excepção, por blocos de quartzo leitoso, característica, aliás, que muito facilita a sua actual identificação no terreno. Na maioria dos casos, não se trata apenas de um simples revestimento: a couraça de blocos quartzosos, engrenados uns nos outros, prolonga-se em profundidade, conferindo aos montículos o estatuto de verdadeiros “cairns”. Havia, pois, a nitida intenção de conferir visibilidade a todos estes sepulcros, ao contrário de os pretender dissimular; mesmo monumentos que se implantam em zonas baixas, como a anta do Poço do Chibo, onde nada faria supor que existissem, apresentam a mamóa assim revestida.
- 2 – A presença de um número relativamente elevado de antas nas duas plataformas até ao presente estudadas com mais detalhe configura a existência de verdadeiras necrópoles, usadas ao longo de muitas centenas de anos. Porém, a construção de antas seria um acto excepcional no quotidiano das comunidades agro-pastoris aqui implantadas no decurso dos IV e III milénios AC. Se, actualmente, o seu número parece eventualmente excessivo, é porque frequentemente se menospreza o factor tempo, e a numerosa população aqui potencialmente instalada, no decurso de centenas de anos. Tal é a conclusão a retirar das diferenças arquitectónicas e artefactuais observadas em monumentos por vezes distanciados de escassas centenas de metros, como é o caso das antas 6 e 2 do Couto da Espanhola, ambas já integralmente exploradas. Não se observam, por outro lado, monumentos dominantes: os diâmetros das mamóas, sempre de pequenas dimensões, variam entre um máximo de 18,0 m na anta 5 do Amieiro e 10 m na anta do Poço do Chibo; a construção de um qualquer monumento suceder-se-ia paulatinamente à de outro, pontuando-se assim a paisagem como se de um palimpsesto se tratasse.

3 – Independentemente da respectiva tipologia, trata-se de estruturas que integram, invariavelmente, elementos construtivos de origem local ou, no máximo, disponíveis a escassas centenas de metros: os esteios de xisto ou de grauvaque são, porém, sempre de pequenas dimensões, raramente ultrapassando 1,0 m de comprimento. Com tais dimensões, não era possível construir antas de grande altura, como as existentes nas regiões graníticas da Beira Alta e do Alto Alentejo. Tal limitação explica, a pequena altura não só das câmaras, mas sobretudo dos corredores destes monumentos, os quais teriam, na maioria dos casos, uma função apenas ritual; o rastejamento através destes longos e estreitos espaços, por vezes com mais de 8,0 m de comprimento, como é o caso do corredor da anta 2 do Couto da Espanhola, sempre que se pretendia efectuar nova tumulação na câmara, ainda para mais com a dificuldade acrescida de ter de se transportar os corpos a sepultar, seria tarefa de todo impraticável. Para o efeito, aceder-se-ia directamente às câmaras dos sepulcros através da remoção parcial da respectiva cobertura, de cada vez que se pretendesse efectuar nova tumulação. Esta operação encontrava-se muito facilitada pela ausência de grandes lages de cobertura – das quais não se encontraram quaisquer vestígios – pelas razões já expostas, ou seja, devido à ausência de elementos suficientemente grandes susceptíveis de serem utilizados para o efeito. A cobertura das câmaras destes monumentos seria, deste modo, assegurada com madeiramentos e ramagens, sobre os quais se assentariam os blocos da mamôa, fáceis de remover. O que foi dito não invalida, porém, que nalguns casos, o corredor fosse funcional. Na anta 5 do Amieiro, reconheceu-se a presença de duas grandes lages imbricadas, que o selavam, separando-o do exterior do monumento, onde se reconheceu pequeno átrio de entrada, delimitado lateralmente por ortóstatos de altura cada vez menor.

4 – A orientação de quatro dos cinco sepulcros com corredor escavados varia entre 100° e 110°, exceptua-se a anta 2 do Couto da Espanhola, orientada para Sudeste (135°). Este padrão coincide em absoluto com o observado pelos Leisner para as antas de Regeuengos de Monsaraz, cujos resultados foram inventariados por V. GONÇALVES (1992, p. 40). Das 69 antas registadas, 35 tinham exactamente a mesma orientação, logo seguida das antas orientadas para Sudeste (10 casos). A dominância da orientação dos corredores para este quadrante, relaciona-se com os azimutes do nascer do Sol, de onde vem a Luz e a Vida, diariamente reafirmada. Citando V. GONÇALVES (1992, p. 51): “A morte e o nascimento, as Trevas e a Luz. Será com estes opostos que a orientação das antas do concelho de Reguengos de Monsaraz, como a de muitas centenas de outras antas tem a ver? Uma

esperança de retorno ou o simples virar de costas à Vida/Luz, na inevitável viagem para a Morte e para as Trevas?” Cremos que se deve optar pela primeira, até porque a presença de oferendas suportam a crença em outra vida, por parte destas comunidades agro-pastoris dos finais do IV ou inícios do III milénio a.C.

- 5 - Duas lajes de xisto, uma reconhecida na câmara da anta 2 do Couto da Espanhola, outra no corredor da anta 3 do Amieiro, funcionariam como leitos sobre os quais se teriam depositado os cadáveres, provavelmente em decúbito lateral com braços e pernas flectidas. Tal possibilidade, com paralelos noutros monumentos congêneres do nosso território, encontra-se reforçada, no caso da primeira anta, pela grande concentração de oferendas e espólio pessoal que se recolheram sobre a laje referida.
- 6 - Identificaram-se rituais de fogo na anta 3 do Amieiro. Trata-se de um pequeno empedrado de contorno elíptico, construído junto ao fundo da câmara do monumento, funcionando como embasamento de lareira. Já Santos Rocha, ao estudar monumentos dolmênicos da região da Figueira da Foz notou a prática do fogo no seu interior e outros exemplos se poderiam apontar. Com efeito, o fogo desempenharia um duplo papel: além de elemento simbólico purificador e regenerador das almas dos defuntos teria uma função muito mais prática, eliminando os ares pestilentos necessariamente existentes no espaço não arejado do interior de um sepulcro colectivo, purificação que se afiguraria indispensável sempre que houvesse necessidade de proceder a nova deposição, eventualmente com a ajuda da queima de plantas aromáticas. Esta lareira poderia, enfim, relacionar-se com rituais de cremação parcial dos cadáveres, como foi observado, entre outros, em monumento megalítico da Serra de S. Mamede, Portalegre, por Jorge Oliveira (OLIVEIRA, 1997).

Porém, apesar do bom estado de conservação e da grandeza deste monumento - um dos maiores da região - o espólio correspondente aos seus construtores e eventuais primeiros utilizadores é nulo, o que não se poderá reportar a profanações, das quais não se recolheram quaisquer provas. O monumento jamais terá sido utilizado - apenas no fim do Calcolítico/Idade do Bronze há provas de aproveitamento da câmara - ou os materiais depositados no seu interior eram todos de carácter perecível - de madeira, couro ou esparto - matérias-primas cuja importância na época era evidente, como os escassos casos em que se conservaram, tornados por isso célebres, bem comprovam.

Bibliografia

- ALMEIDA, F. de & FERREIRA, O. da Veiga (1958) – Duas sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 68: 317-322.
- ALMEIDA, F. de & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Sepulturas megalíticas dos arredores de Idanha-a-Velha. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958). Lisboa. I: 225-230.
- ALMEIDA, F. de & FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Um monumento pré-histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Velha). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970). Coimbra. I: 163-168.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1995) – A anta 6 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 3: 19-37.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1997 a) – A anta 2 do Couto da Espanhola (Rosmaninhal, Idanha-a-Nova). *Estudos Pré-Históricos*. Viseu. 5: 9-28.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (1997 b) – Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo Internacional. *Actas do II Congreso de Arqueología Peninsular* (Zamora, 1996). Zaragoza. Tomo II – Neolítico, Calcolítico y Bronce: 207-215.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C. & HENRIQUES, F. (2000) – Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado. *Trabalhos de Arqueologia, Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo* (Monsaraz, 1996). Lisboa. 14: 195-214.
- GONÇALVES, V. S. (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Cadernos da UNIARQ. 2. Lisboa: INIC. 288 p.
- KALB, P. (1990) – Megalithgräber Zwischen Tejo und Douro. *Madrider Forschungen*. Berlin. 16: 19-33.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1956) – *Die Megalithgräber der Iberiscen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. 122 p.
- LEISNER, V. (1998) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. 162 p.
- OLIVEIRA, J. T. (1992, coordenação) – *Carta Geológica de Portugal na escala de 1/500 000*. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal.
- OLIVEIRA, J. M. Forte de (1997) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Lisboa. Colibri. I: 744.
- PEREIRA, F. Alves (1934) – A Pedra d'Anta ou um monumento megalítico da Beira Baixa. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 29: 49-73.
- PROENÇA JÚNIOR, F. Tavares de (1910) – *Archeologia do districto de Castello Branco. Contribuição para o seu estudo*. Leiria: Typographia Leiriense. 25 p.



FIGURA 1 - Anta 6 do Couto da Espanhola. Vista da câmara sepulcral, evidenciando-se dois espaços, separados por septo, correspondentes à segunda fase de utilização do monumento, de câmara simples, sem corredor. Fase inicial do megalitismo regional



FIGURA 2 - Anta 2 do Couto da Espanhola. Vista geral da câmara sepulcral, de planta poligonal, observando-se do lado esquerdo o início do corredor (anta da câmara poligonal e corredor longo). Fase de apogeu do megalitismo regional

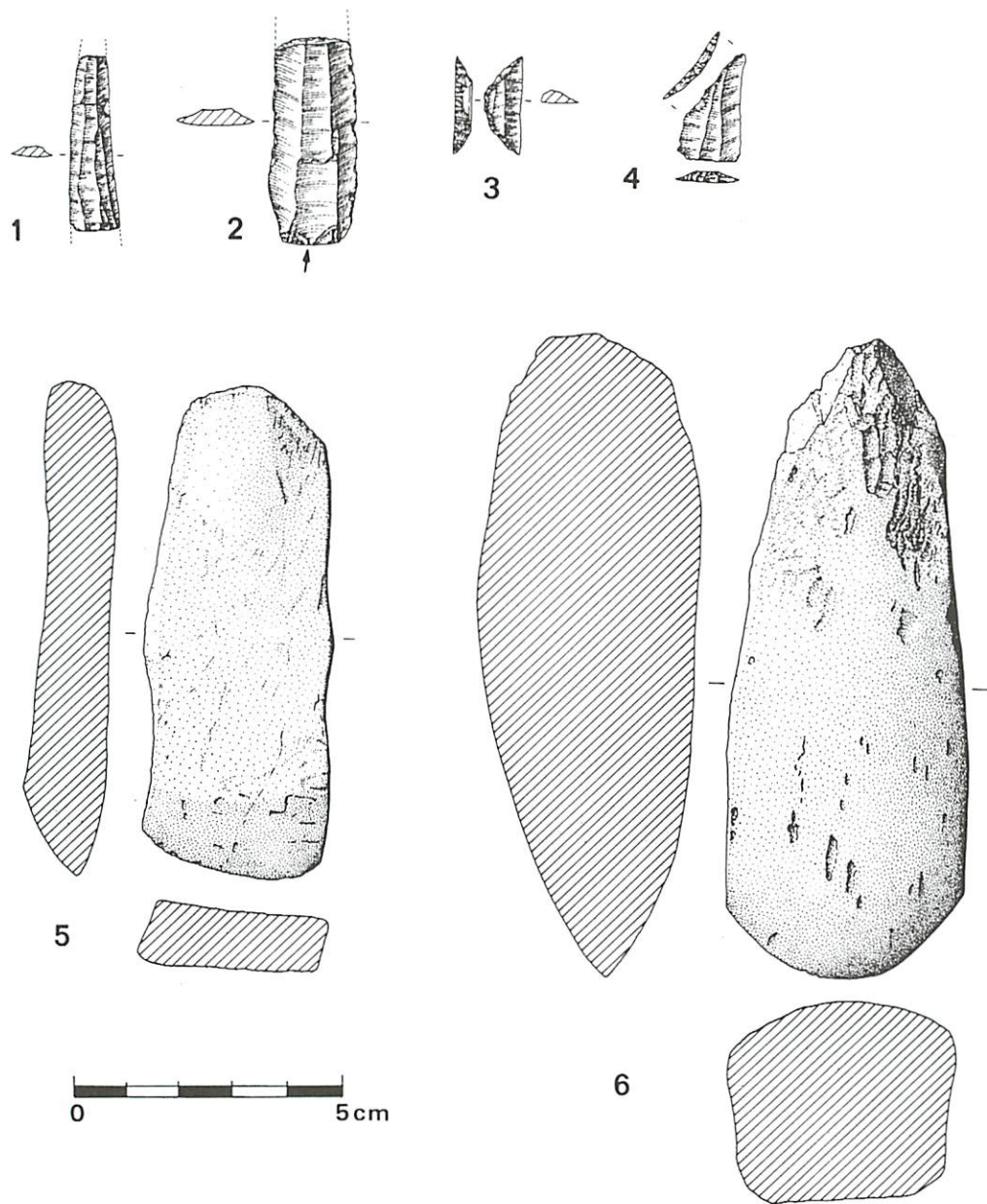


FIGURA 3 - Anta 6 do Couto da Espanhola. Materiais exumados, correspondentes à segunda fase de utilização do monumento (Neolítico Antigo / Médio), do início do megalitismo regional

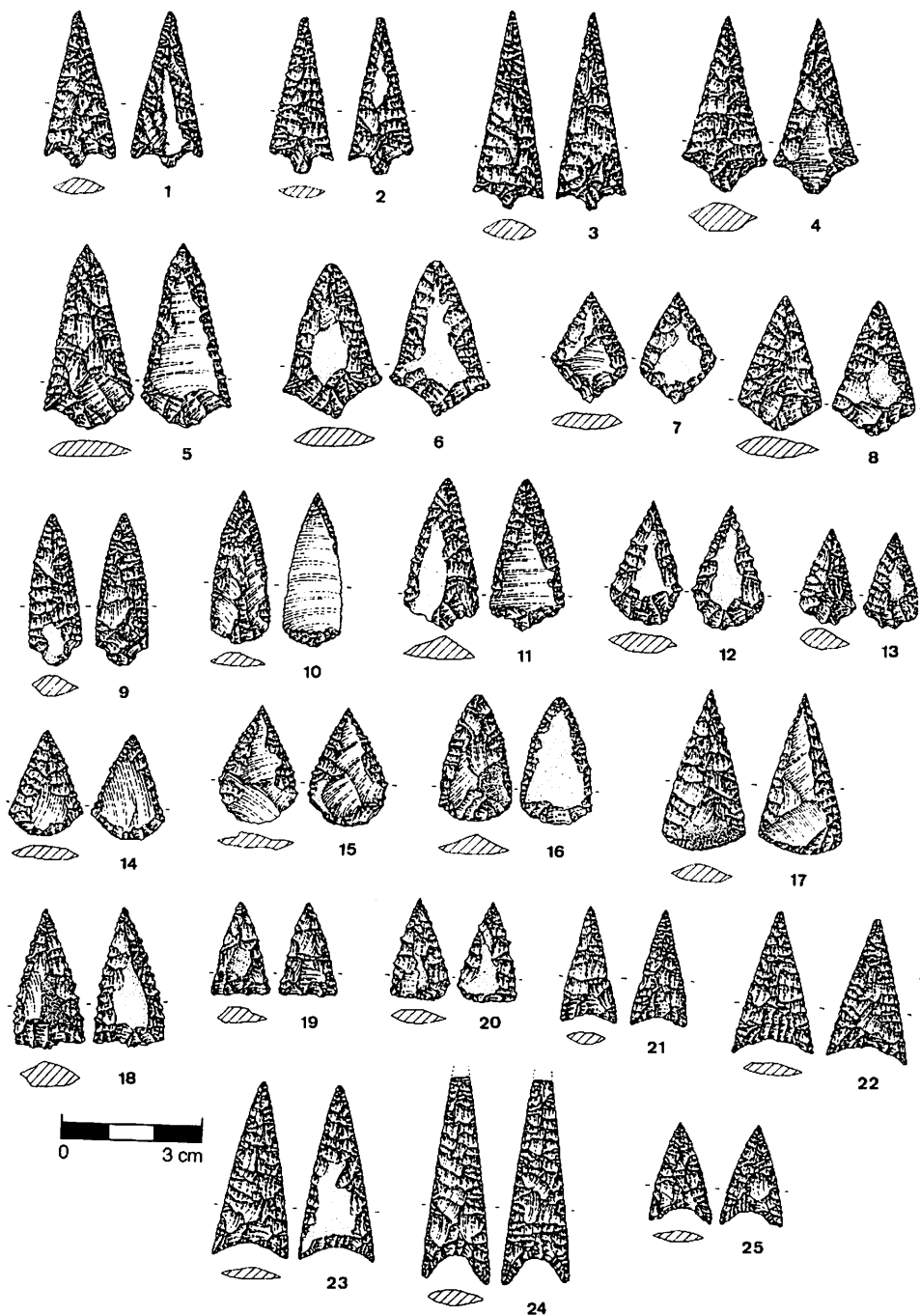


FIGURA 4 - Anta 2 do Couto da Espanhola. Conjunto de pontas de seta de sílex (Neolítico Final), do apogeu do megalitismo regional

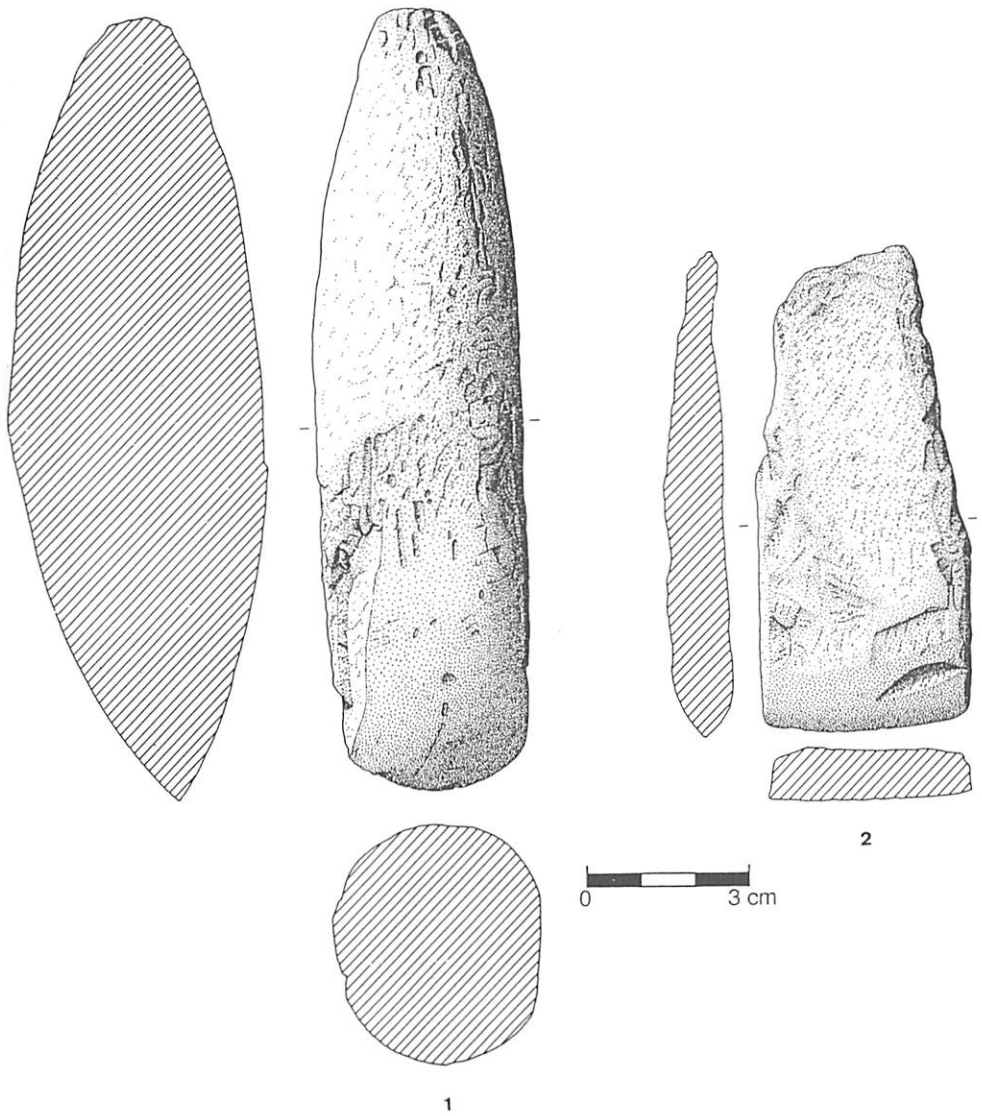


FIGURA 5 - Anta 2 do Couto da Espanhola. Machado (1) e enxada (2)

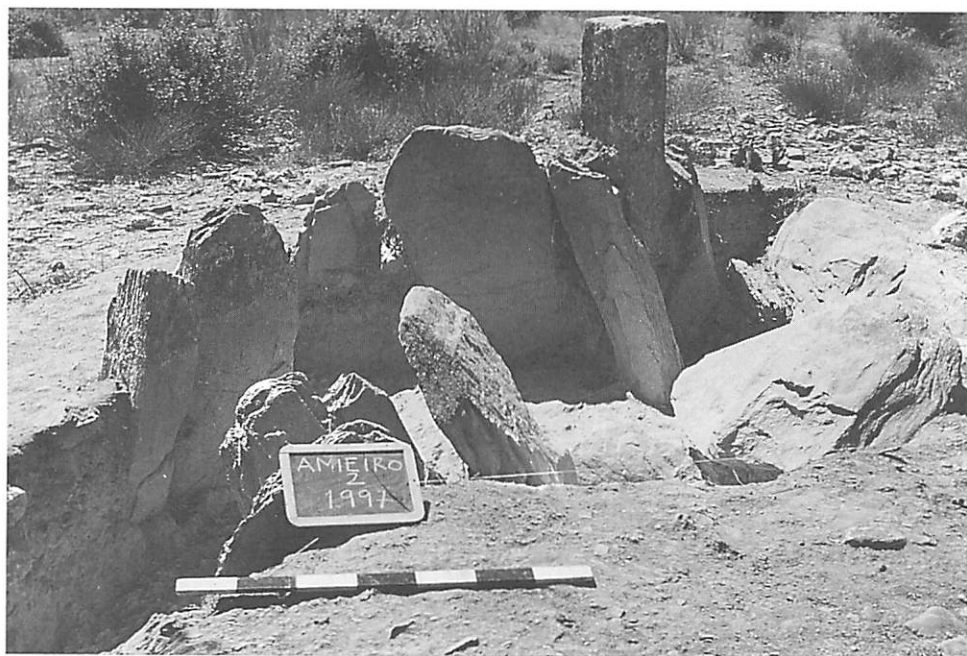


FIGURA 6 - Anta 2 do Amieiro: pequeno monumento com câmara e corredor (vista parcial)

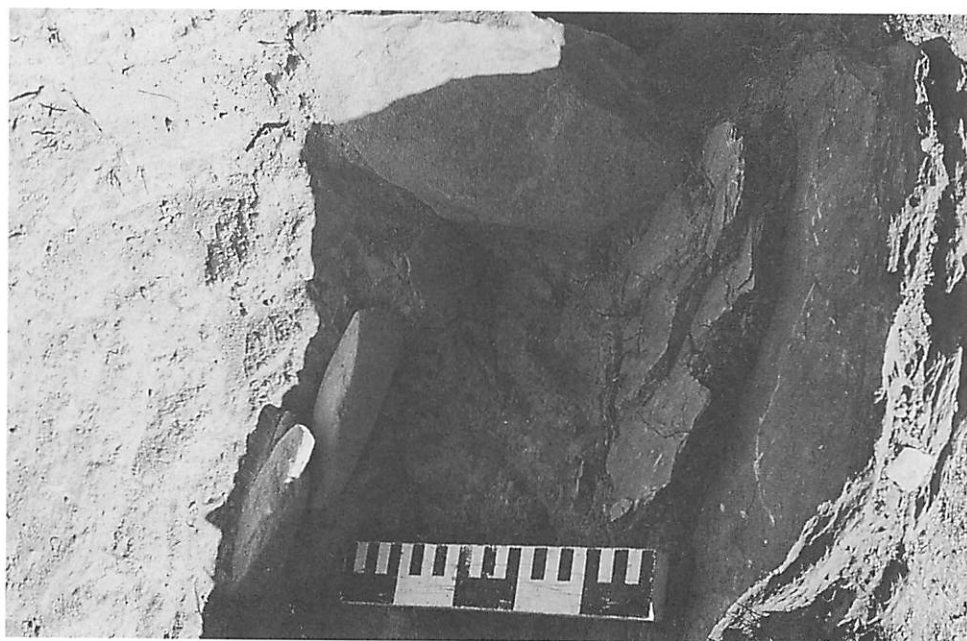


FIGURA 7 - Vista de pormenor da posição em que jaziam ritualmente dois machados, no corredor da Anta 2 do Amieiro



FIGURA 8 - Anta 3 do Amieiro. Vista da câmara sepulcral, observando-se, junto da cabeceira, empedrado ritual, atribuível a estrutura de combustão



FIGURA 9 - Vista parcial da anta 5 do Amieiro, observando-se as duas estruturas tumulares incluídas na mamoa; a da esquerda corresponde à primitiva

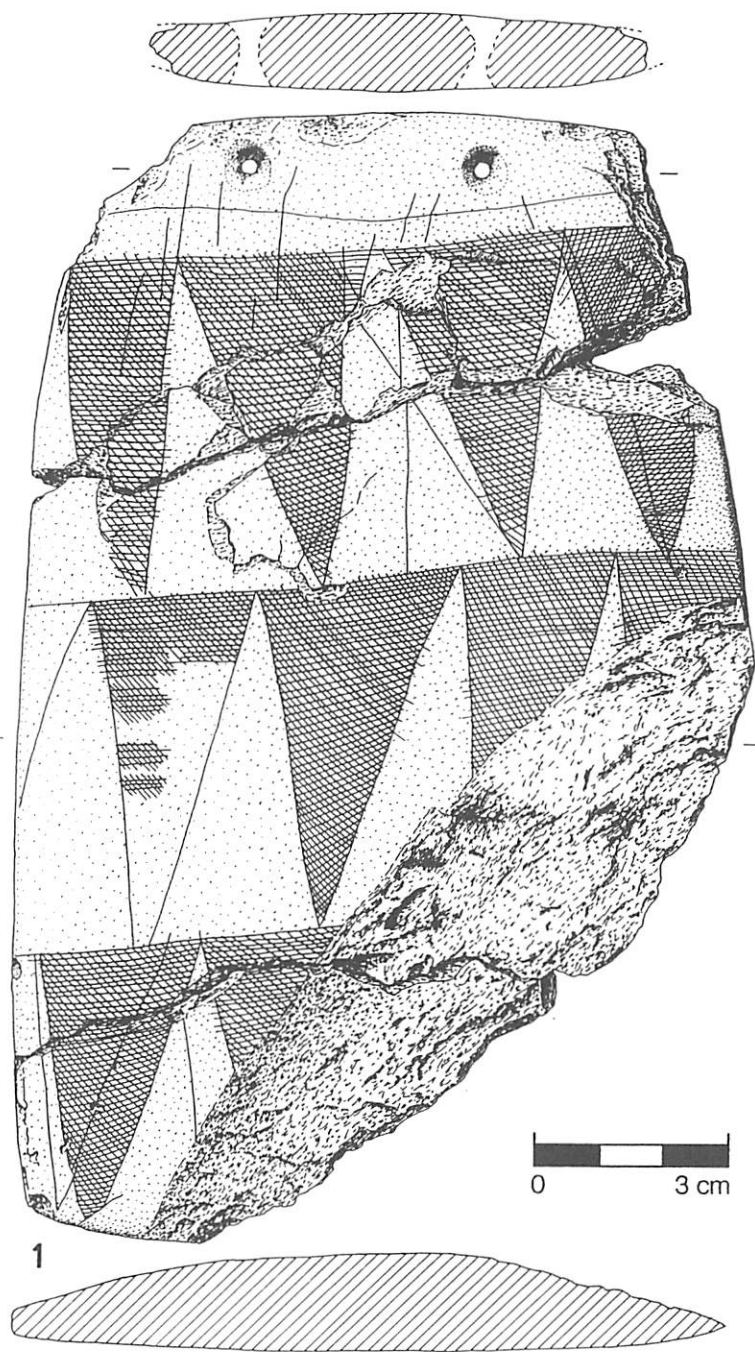


FIGURA 10 – Grande placa de xisto, de tipo alentejano, recolhida na estrutura tumular mais antiga da Anta 5 do Amieiro (Neolítico Final)